

Compreender a experiência cultural em cenários mediados pelo formacional

Roberto Sidnei Macedo

Resumo: O presente artigo trata de compreender a experiência de uma perspectiva cultural e como pauta estruturante e propositiva de mediações formacionais e processos formativos. Concebendo a experiência cultural a partir do cenário educacional contemporâneo, afirma a característica irreduzível dessa experiência, assim como sua potência transversal no que concerne à produção de aprendizagens singulares e relacionais. Destarte, a experiência cultural vincula-se de modo tanto pontual quanto transversal no que concerne às vivências educacionais, sejam elas sociotécnicas, éticas, políticas e estéticas. Com esses argumentos, procura nutrir reflexões e práticas educacionais com o valor epistemológico e ontológico da experiência cultural nas suas diversas ressonâncias. Ademais, destacadamente, apresenta a experiência cultural na formação como uma pauta política que se vincula também às lutas por afirmação, tendo como atenção central questões da formação como experiência cultural.

Palavras-chave: Experiência; experiência cultural; formação; educação.

Analysing the cultural experience in scenarios shaped by the formational

Abstract: This article aims to understand the experience from a cultural perspective and as an agenda that structures and proposes formational mediations and formative processes. Conceiving cultural experience from the contemporary educational scenario, the article asserts their reducible characteristic of this experience, as well as its transversal power concerning the production of singular and relational learning. Therefore, cultural experience ties in punctually as well as transversally with educational experiences, be they sociotechnical, ethical, political, oral esthetic. From these arguments, it seeks to nourish educational reflections and practices with the epistemological and

ontological value of cultural experience in its wide range of resonances. In addition, it presents cultural experience in education as a political subject that is also connected to the struggles for rights, with a central focus on issues of education as a cultural experience.

Keywords: Experience; cultural experience; training; education.

Comprender la experiencia cultural en escenarios mediados por la formación

Resumen: Este artículo intenta comprender la experiencia desde una perspectiva cultural y como agenda estructurante y propositiva de mediaciones formativas y procesos formativos. Concibiendo la experiencia cultural desde el escenario educativo contemporáneo, afirma la característica irreductible de esta experiencia, así como su poder transversal respecto a la producción de aprendizajes singulares y relacionales. Así, la experiencia cultural se vincula de forma puntual y transversal a las experiencias educativas, ya sean sociotécnicas, éticas, políticas o estéticas. Con estos argumentos, busca nutrir las reflexiones y prácticas educativas con el valor epistemológico y ontológico de la experiencia cultural en sus diversas resonancias. Además, presenta la experiencia cultural en la educación como una agenda política que también está vinculada a las luchas por la afirmación, centrándose en las cuestiones de la educación como experiencia cultural.

Palabras clave: Experiencia; experiencia cultural; formación; educación.

A experiência: introdução conceitual

Sabemos que o contexto da valorização socioeconômica dos conhecimentos científicos e acadêmicos vem estigmatizando e normatizando os saberes da experiência em seus diversos *espaços tempos* culturais, bem como criou um *ethos* e um *habitus* pelos quais esses saberes são percebidos como epifenômenos, sem valor explicitativo ou mesmo um perigo para o esclarecimento de realidades humanas. Com isso, criou-se um certo desprezo preconceituoso pelas contribuições heurísticas desses saberes. À medida que os saberes experienciais vêm aos poucos sendo reconhecidos e vem criando-se um cenário de respeito e acolhimento tanto epistemológico quanto heurísticamente para esses saberes, percebemos um empoderamento técnico e cultural em relação à sua valoração, ao lado de um parasitismo neocolonialista que ainda persiste e em algumas situações se amplia. Vale a pena destacar como, nos meios da publicidade empresarial, está nascendo um movimento com ampla divulgação denominado de “negócio da experiência”, no qual se comercializa não mais o produto fabricado, mas a experiência pela qual o produto foi concebido e produzido. Ou seja, a experiência é tomada literalmente como mercadoria. As questões morais daí advindas podem ser tão obscuras quanto imprevisíveis.

Em meio a essa realidade, o campo da educação permanente, por exemplo, vem descortinando o quanto a experiência cultural do trabalho produz especificidades aprendentes importantes para se pensar a formação para e pelo trabalho. Assim, a experiência cultural do trabalho vai emergir como um princípio educativo e a experiência construída no trabalho assume um status epistemológico, formativo e político significativo nos cenários sociotécnicos e profissionais.

Apesar desses movimentos instituintes nos quais a experiência assume centralidade e uma concepção mais ampliada, podemos afirmar que o “desperdício da experiência” (SANTOS, 1989) ainda é o que predomina quando temos que decidir sobre a qualidade dos saberes da experiência e validá-los.

Ademais, o equívoco de transformar a experiência numa interpretação reduzida a um quantitativo de saberes acumulados e estruturados como *saber fazer* ainda é um *habitus* que persiste, empobrecendo a complexidade dessa configuração humana, em geral simplificada como um domínio cumulativo de aptidões e habilidades demonstráveis. John Dewey (2010) já tinha percebido criticamente esse equívoco quando argumentara que a experiência precisa da reflexão, do vivido pensado, e que uma experiência repetida era apenas uma reprodução dimensional.

Importante se compreender que a experiência cultural é *irreduzível*, é um fenômeno mediado por múltiplas referências; dessa forma, é *inexplicável* por modelos que se pretendem universalizantes. Como tal, não se oferece a comparações na sua *singularidade singularizante*; nesse sentido, só é alcançável por pesquisas que primem e cuidem dos termos da sua singularidade (GEERTZ, 1978). Se aproximada de outras experiências e formas outras de criação de saberes, não se deixa alcançar por comparações, mas, tão somente, por *perspectivas contrastivas*. Dessa forma, só a disponibilidade para a “escuta sensível” (BARBIER, 2002) e a *compreensão indexalizada* (GARFINKEL, 1976) poderão possibilitar acesso aos seus sentidos e elaborações. Os saberes da

experiência cultural resultam do *vivido pensado*. Acrescente-se que a compreensão da experiência só se fará por atos de compartilhamento de sentidos e significados. Tendo como fonte fulcral a *vivência* singular dos sujeitos na sua emergência existencial e sociocultural, a experiência se estrutura como um denso e complexo processo de subjetivação de tudo que nos acontece, que nos passa, mediado por desejos, escolhas e intenções conscientes ou não, lúcidas ou erráticas, plasmadas num certo tempo, mas, também, tocadas intensamente pelo seu movimento generativo. Expressando-se, a experiência cultural produz, invariavelmente, o estranhamento, porque dá corpo e potência à diferença em ato e sua capacidade de produzir alteridade e de forma mais impactante e significativa, a criação de *alterações*, mediante a presença do outro e sua inerente capacidade de nos deslocar. Está na base dos processos de *autorização*, porque, em se fazendo autora de si. Dessa forma, a experiência cultural é sempre criação. Nesses termos, foi necessário se formular um campo epistemológico específico e dispositivos metodológicos singulares, capazes de alcançar essa complexidade humana, assim como a criação de *rigores outros* (MACEDO; PIMENTEL; GALEFFI, 2009), até porque o rigor clássico pautado no controle, na pretensão da transparência, no verificacionismo, é incapaz de se aproximar da singularidade e da complexidade que configuram a experiência humana. A experiência cultural não se verifica, se compreende.

É nesse cenário de argumentos epistemológicos que se constituiu uma certa perspectiva e atitude de pesquisa fundada na abertura à singularidade, às re-existências, às irrupções e às intempestividades. Funda-se nesse veio o que Ardoino (2012) elabora na sua epistemologia multirreferencial como *negatividade*, ou seja, a emergência do outro como presença ineliminável, capaz de transgredir e trair expectativas, ou seja, de desjogar o jogo esperado ou rearranjar regras prescritas.

Vale ainda ressaltar que a experiência cultural é fonte inesgotável de sentidos e *implicação*, isto é, conteúdos existenciais, sociais, simbólicos e eróticos que nos referenciam, orientam, dão potência, nutrem e sustentam as nossas escolhas, que nos movem para nossos objetivos e nossos processos criativos, mas que, também, podem nos cegar enquanto *sobreimplicação* (MACEDO, 2012). A experiência cultural está na base e no movimento das epistemologias *experienciais* e *militantes* (MACEDO, 2012) como *modos outros* de criação de saberes, com conquistas político-epistemológicas e heurísticas significativas. No caso das epistemologias experienciais, são caracterizadas pelo interesse em saberes multirreferenciados, valorando a experiência para além do que as tradições científicas e acadêmicas hierarquizaram como válidos, interessadas que estão em compreender os *etnométodos* pelos quais todos os atores sociais, para todos os fins práticos, interpretam e organizam suas realidades e acabam construindo suas “ordens sociais”. Quanto às epistemologias militantes, essas tomam os saberes experienciais como base e, de dentro deles, propõem e constroem investigações *implicadas*, engajadas. Aqui está o sentido de militância da experiência cultural.

Experiência, educação e formação

O papel da formação é permitir aos indivíduos que transformem seu vivido em experiência, e sua experiência em saberes.

Bertrand Schwart

As práticas educativas em todas as suas formas de organização e implementação estão indelevelmente acompanhadas nas suas configurações por formas de subjetivação, ou seja, experienciam sentidos e significados, não são apenas repetições reprodutivas ou atendem apenas a palavras de ordem exoterodeterminantes, isso não quer dizer que também não cultivem e não se identifiquem com orientações já sistematizadas ou modelizadas por alguma teoria ou conjunto de ideias.

Numa *démarche* investigativa da experiência educativa temos que nos perguntar, acima de tudo, sobre o sentido do educativo. E aqui, temos que pensar também nos dispositivos de pesquisa que podem se aproximar do fenômeno educativo. O que se busca como centralidade é a educação como experiência a ser compreendida.

Para Contreras (2013, p. 67), a investigação da experiência cultural educativa é sempre uma forma de autoinvestigação porquanto a realizamos desde nossa visão do educativo. Expomos assim nossa visão, nossos modos de fazer e entender. Dessa maneira, a investigação educativa sempre pergunta pelo sentido da educação. Nesses termos, a pesquisa educacional jamais pode ser reduzida a uma *moralidade racional*, por isso é o lugar de onde vislumbram novas práticas educativas e, ao mesmo tempo, passa a ser também uma experiência formativa, até porque implica preocupações e indagações pedagógicas do pesquisador e sua comunidade de práticas.

Esses argumentos nos provocam para pensar a pesquisa da experiência educativa como uma investigação que não pode ser reduzida ao entendimento dos dispositivos pedagógicos e nem como esses dispositivos, e mesmo as mediações pedagógicas que os utilizam, pretensamente determinam a experiência educativa. A experiência educativa não pode ser alcançada a partir de uma atitude de pesquisa pautada na exoterodeterminação. Se estamos lidando com um ato concebido ideologicamente e implementado por processos morais, estéticos e políticos que orientam tomadas de decisão, é preciso se perguntar pelos sentidos que configuram a perspectiva do que é educativo como conteúdo perspectival, ou seja, que implica opiniões e pontos de vista. É com essa configuração que a compreensão da experiência educativa se torna possível.

Experiência cultura e formação

A narrativa do sujeito em formação vem se configurando num epifenômeno, numa opacidade, ou seja, numa ausência construída em meio a um cenário educacional onde o conhecimento disciplinar já sistematizado sempre vem primeiro. Estamos longe, portanto, de vivenciar a narração formativa como política ampla de currículo, conforme preconiza Ivor Goodson, por exemplo. Com perplexidade, percebemos que o sentido do “direito à educação” presente no discurso oficial vem sendo reduzido ao que é “básico” e “comum” em termos curriculares.

No que concerne ao formativo, realçar e mobilizar a experiência cultural na compreensão da formação significa reconhecer que essa atividade se dinamiza num processo contínuo e intenso de compreensão do mundo. Em “*Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*”, Goethe nos fala desse aparecer experiencial, compreendendo, formando-se. A questão contemporânea apresenta-se acima de tudo, como provoca o subtítulo da obra de Boaventura de Sousa Santos, como um compulsivo *desperdício da experiência cultural* pelos *currícula* e pelas ações das propostas de formação, reduzindo a *epistemologia da formação* às características e formação histórica dos saberes acadêmicos, nutrindo, por consequência, uma das misérias epistemológicas mais crônicas, o abstracionismo cientificista e acadêmico de cariz excludente.

Para Larrosa Bondía (2009, p. 20-26):

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que passa, não o que acontece, ou o que toca[...] implica parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar; sentir, sentir mais devagar, demorar-se no detalhe, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade [...] cultivar a atenção, falar sobre o que nos acontece, escutar os outros, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço...o sujeito da experiência se define pela sua disponibilidade, por sua abertura[...].A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que “existe” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente [...]. É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à experiência da transformação[...].O saber da experiência se dá na relação entre conhecimento e a vida humana [...] se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou o sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um Ser individual ou coletivo [...].A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos da nossa própria vida [...] a experiência é irrepetível.

Fora da institucionalização da formação, percebemos um intenso movimento que não reivindica apenas a experiência cultural do trabalho e/ou da vida cotidiana na e para a formação; essa reivindicação vai também ao encontro de histórias longas de experiências que, politicamente afirmadas, tomam a educação como um lugar privilegiado de conquistas.

Faz-se necessário pontuar, entretanto, que a experiência cultural do formando vem secular e predominantemente sendo negada em favor de uma ação formadora fechada na imposição de conhecimentos e dispositivos, negando a experiência cultural que chega com os referenciais de todo e qualquer aprendente. Vale afirmar que essa experiência negada sempre estará aí, filtrando, fazendo opções, mesmo que de forma escamoteada, recalcada, reprimida, subvalorizada. Em algum momento ela pode irromper como negociação, como contradição, como transgressão, traição ou perversão. Um dia o recalcado voltará, voltará sob a forma de sintoma, muitas vezes perverso, já nos alertara Sigmund Freud. Da perspectiva da teoria sistêmica, os resíduos descartados podem, em algum momento, por alguma relação nos seus processos de reorganização, voltar em avalanche e produzir instabilidades nos sistemas

que os criou e os descartou (MACEDO, 2010). Essa é uma questão que está na pauta da formação dos nossos etnopedagogos, apreender a compreender de forma situada e profundamente a experiência cultural no/do currículo e da formação, para entrar no mérito de como *atos de currículo* e processos formativos se constituem interativamente no cotidiano das suas elaborações.

Se estamos convencidos de que aprendemos com a cultura, com o trabalho, com o corpo, com a religiosidade, com a ambivalência assustadora dos sentimentos, com as relações cotidianas institucionalizadas ou não, e assim vamos construindo nossas referências e aprendendo com elas, essa realidade não pode ser vista pelos *currícula* e ações formativas como um *epifenômeno*.

As experiências de transformação das nossas identidades e da nossa subjetividade são tão variadas que a maneira mais geral de as descrever consiste em falar de acontecimentos, de actividades, situações ou de encontros que servem de contexto a determinadas aprendizagens. Com efeito, as narrativas de formação põem em evidência a dificuldade de estabelecer correlações entre circunstâncias e géneros de aprendizagem. Estes momentos formadores, que podem durar alguns instantes ou alguns anos, são quadros que põem em cena um ou vários protagonistas em transacções numa dramaturgia singular, numa brusca interrupção de duração ou de intensidade, numa observação, num exercício sistemático, numa simpatia, num afecto ou numa aversão por um alterego”. (JOSSO, 2002, p. 32)

Levando em conta o cotidiano da história de cada um em relação a outras histórias e culturas, bem como o valor simbólico dessas experiências, Josso comenta que é assim que mantemos e reforçamos o nosso capital experiencial, espécie de tesouro de sobrevivência para uma multiplicidade de circunstâncias.

[...] utilizar o saber-fazer e os conhecimentos experienciais nas aprendizagens necessárias para levar a bom porto um projecto. A qualidade essencial de um sujeito em formação está então na sua capacidade de integrar todas as dimensões do seu ser: o conhecimento dos seus atributos de ser psicossomático e de saber-fazer consigo próprio; o conhecimento das suas competências instrumentais e relacionais e de saber-fazer com elas; o conhecimento das suas competências de compreensão e de explicação e do saber-pensar. (JOSSO, 2002, p. 33)

Com esses argumentos, Josso prepara uma das elaborações-chave da sua obra, ou seja, a ideia da experiência cultural formadora. Para essa pesquisadora da formação, uma experiência cultural formadora implica uma articulação entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação; articulação que se objetiva numa representação e numa competência.

É assim que, de acordo com esse pensamento, a experiência cultural não pode ser considerada um adorno em relação à formação, uma ponte que facilita o caminhar da aprendizagem, mas um verdadeiro referencial que nos serve para avaliar uma situação, uma atividade, um conhecimento novo, um *ser* em transformação. É no veio desse argumento que Bergson percebe a experiência cultural se realizando como duração. As experiências formativas são sempre

resultantes de vivências compósitas, trazem consigo a dialógica e a dialética em que indivíduo, sociedade e cultura não podem ser compreendidos de forma apartada.

É aqui que um processo de elaboração de uma experiência cultural formadora jamais pode ser pensado como uma compreensão solipsista. Trata-se de um processo identitário se apresentando em formação e construindo outras experiências, que se tornarão também experiências basilares, filtradoras de outras/novas experiências e possibilidades de rupturas ou consolidação do aprendizado realizado. A partir dessa perspectiva, Josso nos convida a questionar: “o que faz o processo de elaboração de uma experiência?” Inspirada neste questionamento, a autora exemplifica três elaborações possíveis: ter experiências pelo que me foi dado; fazer experiências que me proponham viver e pensar sobre elas. Nesse mesmo veio, há uma preocupação dessa pesquisadora da formação humana em questionar como uma vivência na formação pode se transformar em experiência. Fala assim do “alargamento do campo da consciência, da mudança, da autonomização e da responsabilização” (JOSSO, 2002, p. 37).

Considerações conclusivas

Tomando um cenário educacional brasileiro marcado pela negação de experiências culturais fulcrais e suas lutas por afirmação, compreendemos que a experiência *cuotural* vem entrando nos âmbitos da formação como uma categoria pensada predominantemente como política, isto é, em forma de uma luta renhida de ações afirmativas de segmentos sociais, tanto no campo do currículo como das ações da formação, contra o conservadorismo pedagógico e o fechamento na lógica disciplinar, se configurando na consolidação dos processos de afirmação de histórias oprimidas.

O que percebemos nas elaborações de Josso é a radicalização das possibilidades heurísticas da formação, deslocando-as para a experiência curiosa e criativa do aprendente. A formadora feminista Rosiska Darcy de Oliveira (2004) nos recomenda “ler nossa experiência para escrever a nossa história”, bem como o historiador baiano Ubiratan Castro de Araújo (2006), inspirado em Amílcar Cabral, nos dizia: “Cada negro letrado no Brasil tem a obrigação de sistematizar as suas próprias lembranças. É assim que a experiência de cada um é um trecho de realidade vivida, de muita valia para nós mesmos e para os outros [...]”

Um campo sensível à questão complexa do trabalho formativo com a experiência cultural é a *educação permanente*. Baseada no trabalho e na cultura como princípios formativos, desloca a qualificação do trabalhador para a ambiência onde acontece a experiência socioexistencial, cultural e política do trabalho e sua forma de estruturação e desenvolvimento. Há aqui um entretecimento dialógico e dialético entre o trabalho, cultura e a educação. Por mais que a ideia de formação permanente esteja predominantemente eivada de argumentos que percebem a formação como estruturação de dispositivos e das condições sociotécnicas, para que ela não perca de vista o trabalho e sua condição de estruturação social, cultural e histórica, valorizando na sua sistematização a experiência cultural do trabalhador e sua vivência do mundo do trabalho.

É com a concepção de trabalho como atividade humana estruturante da vida e da sociedade em que vivemos que compreendemos como a experiência do trabalho vai produzir aprendizagens em diversas culturas. É com os estudos de Macedo de Sá (2014), por exemplo, quando forja o conceito de “etnoaprendizagem” que vamos ver explicitado como saberes da experiência se estruturam a partir de experiências etnoaprendentes, percebidas pela autora como potentes *instituintes culturais* (MACEDO, 2014; MACEDO DE SÁ, 2014).

Délory-Monberger (2008, p. 83) nos diz que, para além das sequencializações e padronizações coletivas (idades da vida, currículos escolares, trajetórias profissionais), os indivíduos das sociedades contemporâneas se veem refazendo a planificação e a gestão do seu percurso experiencial via sua biografia sempre transversalizada por sua cultura. “Nas formas de organização social em que autonomia e responsabilidade individuais se tornaram valores sociais, culturais e econômicos, compete aos indivíduos, a partir de agora, fornecerem a prova ‘biográfica’ de sua ‘formabilidade’ e de sua ‘empregabilidade’”. Nesse caso a experiência cultural vivida e refletida como formação permanente e para a formação permanente é uma pauta central.

Parece-nos importante perceber que nesses argumentos habitam tanto fontes importantes para uma pesquisa da/com a experiência cultural visando subsidiar a educação permanente, quanto narrativas que, se refletidas, contribuem de forma significativa para a formação das pessoas que decidem narrar suas itinerâncias experienciais/culturais na formação ao longo da vida. Nesse aspecto, experienciam uma *autopoiésiscultural-formativa*.

Referências

ARAÚJO, E. de C. Posfácio. In: Macedo, R. S. *Currículo, diversidade e equidade: luzes para uma educação intercristica*. Brasília: Liber Livro; Salvador: EDUFBA, 2006.

CONTRERAS, J. *Investigar a experiencia*. Madrid: Morata, 2013.

DÉLORY-MONBERGER, C. *Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal, EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008.

JOSSO, M. C. *Experiência de vida e formação*. Tradução de José Claudio e Júlia Ferreira. Lisboa: EDUCA, 2002.

LAROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, nº '9, 2002, p. 21-28.

MACEDO, R. S. *Compreender e mediar a formação*. Brasília: Liber Livro, 2010.

MACEDO DE SÁ, S. M.; MACEDO, R. S. *Etnocurrículo, etnoaprendizagem: a educação referenciada na cultura*. São Paulo: Loyola, 2014, no prelo.

OLIVEIRA, R. Des vecteurs de chagement toujours nouveaux. *Colloque de formation d'Adultes*. Université de Genève, 2004.

Nota Biográfica

Roberto Sidnei Macedo

Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Paris 8 - Vincennes à Saint-Denis. Realizou estágio pós-doutoral em Currículo e Formação na Universidade de Fribourg (Suíça) e Universidade do Minho (Portugal). Prof. Titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Diretor da Faculdade de Educação da UFBA.

E-mail: rsmacedo@outlook.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5350-5999>

Recebido em: 07/09/2022

Aceito em: 26/11/2022